



“BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL?”: UMA ANÁLISE DOS CONSTRUTOS DE GÊNERO E DAS DIFERENÇAS DICOTÔMICAS DA MÍDIA BRASILEIRA NA COPA DO MUNDO MASCULINA DE 2018 E DA COPA DO MUNDO FEMININA DE 2019

“BRAZIL, THE COUNTRY OF SOCCER?”: NA ANALYSIS OF GENDER CONSTRUCTIONS AND THE DICHOTOMOUS DIFFERENCES OF BRAZILIAN MEDIA IN THE MALE WORLD CUP OF 2018 AND THE FEMALE WORLD CUP OF 2019

Jackeline Prestes Maier ¹

Gabriela Gonçalves de Medeiros ²

Cristiane Penning Pauli de Menezes ³

RESUMO

Hodiernamente a sociedade é alvo de constantes mudanças impulsionadas, principalmente, pelo amplo desenvolvimento tecnológico e pelo advento na internet. Diante dessa conjuntura, tem-se que, a sociedade atual é denominada como informacional em razão da transcendência e difusão de informações sem qualquer limite temporal ou espacial. Nesse contexto, a mídia apresenta importante e significativo papel na sociedade informacional. Assim, tendo por base as relações de gênero e os construtos do movimento feminista, analisando de forma dicotômica a veiculação midiática na copa do mundo de masculina do ano de 2018 cotejando com a copa do mundo feminina do ano de 2019, em que medida é possível detectar se a postura midiática é uma postura machista ou que prima pela igualdade de gênero? Para cumprir com tal objetivo, utilizar-se-á como método de abordagem o dedutivo e como método de procedimento o estruturalista e o comparativo. Ademais, para melhor compreensão do tema, o trabalho foi estruturado em três seções. A primeira analisará as questões relacionadas ao gênero e os construtos do movimento feminista. A segunda a evolução da sociedade contemporânea, bem como a influência da denominada sociedade informacional nas veiculações midiáticas atuais. Ainda, a terceira seção averiguará, a postura dicotômica da mídia em relação a copa do mundo masculina de 2018 e a copa do mundo feminina de 2019. Resta evidente que, em que pese toda a luta feministas e de gênero, ainda é evidente uma estrutura social machista e uma postura midiática desigual em relação a copa do mundo masculina e feminina.

Palavras-chave: copa do mundo; gênero; machismo; mídia.

¹ Autora. Acadêmica do 9º semestre do curso de Direito da Faculdade de Direito de Santa Maria - FADISMA. Aluna-Sênior do Núcleo de Estudos em Web Cidadania - NEW da FADISMA. Endereço eletrônico: jackelinepmaier@gmail.com.

² Autora. Acadêmica do 9º semestre do curso de Direito da Faculdade de Direito de Santa Maria - FADISMA. Endereço eletrônico: gabyi.medeiros@hotmail.com.

³ Orientadora. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Direito Internacional (NEDI) da Faculdade de Direito de Santa Maria - FADISMA. Meste em Direito pela UFSM. Doutoranda pela Universidade Feevale. Endereço eletrônico: cristiane.pauli@fadisma.com.br



ABSTRACT

Currently, the society is constantly changing, driven mainly by the wide technological development and by the advent on the internet. Given this conjuncture, we have that, the current society is denominated as informational because of the transcencia and diffusion of information without any temporal or spatial limit. It is in front of this conjuntra that the media presents important and means paper in the present day. Thus, based on the constructs of the feminist and gender movement, analyzing in a dichotomous way the media coverage in the world cup of men of the year 2019, comparing with the women's world cup of 2019, in which media it is possible to detect Is media psychotics a macho or gender-biased attitude? In order to comply with this objective, the deductive and methodological method of procedure will be used as a structuralist and comparative method of approach. In addition, to better understand the theme, the work was structured in three sections. The first will analyze the evolution of the feminist and gender constructs. The second is the evolution of contemporary society, as well as the influence of the so-called information society in today's mediatic contexts. In addition, the third section will look at the dichotomous position of the media in relation to the men's world cup of 2018 and the women's world cup of 2019. It is evident that, despite the evolution of feminist and gender struggles, masculine social structure where and unequal mediatic posture regarding the crown of the male and female world.

Keywords: world cup; genre; chauvinis; media.

INTRODUÇÃO

O patriarcado, o machismo, o sexismo e a misoginia estão enraizados na sociedade contemporânea, em que a mulher é inferiorizada, sendo colocada em um grau de subordinação em relação aos homens, com reflexos na sociedade como um todo. O feminismo surge como uma maneira de colocar em xeque uma realidade tida como natural.

As mudanças paradigmáticas e os avanços tecnológicos promoveram grandes avanços na sociedade e no modo das pessoas se inter-relacionarem. Diante desses avanços, a mídia ganha um enorme papel na sociedade, onde tudo que é exposto no âmbito virtual possui uma vasta repercussão, impulsionando o surgimento de uma sociedade informacional.

Diante disso, tendo por base os construtos do movimento feminista e de gênero, analisando de forma dicotômica a veiculação midática na Copa do Mundo masculina de 2018 cotejado com a Copa do Mundo feminina de 2019, o presente trabalho busca responder a seguinte pergunta: em que medida é possível detectar se a psotura midiática é uma postura machista ou que prima pela igualdade de gênero?

Frisa-se que a justificativa para a escolha da temática se deu em decorrência da questão de gênero ser emergente, possuindo extrema relevância social e acadêmica, tendo em vista que a pesquisa contribui com a produção científica do assunto e aborda questões



que refletem no contexto social, pois o patriarcado e o machismo ainda estão presentes na sociedade contemporânea.

Para responder ao problema, utilizou-se como método de abordagem o dedutivo, visto que primeiro será feita uma análise sobre as relações de gênero e os construtos do movimento feminista, bem como sobre as novas tecnologias e o papel da mídia na sociedade contemporânea, para posteriormente analisar-se o tratamento dicotômico entre a Copa do Mundo masculina de 2018 e a Copa do Mundo feminina de 2019. Portanto, parte-se do geral para o específico.

Quanto aos métodos de procedimento, nas duas primeiras seções utilizou-se o estruturalista, pois parte-se da investigação de um fenômeno concreto e eleva-se a seguir ao nível do abstrato, por intermédio da constituição de um modelo que represente o objeto de estudo, retornando por fim ao concreto, dessa vez como uma realidade estruturada e relacionada com a experiência do sujeito social. Na terceira seção utilizou-se o comparativo, pois será analisado a postura dicotômica da mídia na Copa do Mundo masculina de 2018 com relação a Copa do Mundo feminina de 2019.

O trabalho foi estruturado em três seções. A primeira analisará as questões relacionadas ao gênero e os construtos do movimento feminista. A segunda a evolução da sociedade contemporânea, bem como a influencia da denominada sociedade informacional nas veiculações midiáticas atuais. Ainda, a terceira seção averiguará, a postura dicotômica da mídia em relação a copa do mundo masculina de 2018 e a copa do mundo feminina de 2019.

1. A CONSTANTE LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO: PROBLEMAS ANTIGOS E LUTAS EMERGENTES DIÁRIAS

O feminismo surge como um construto para chamar atenção para a desigualdade imposta às mulheres, trazendo reflexões sobre as relações de gênero, “colocando em xeque argumentos historicamente tomados como naturais”.⁴ Desde os primórdios tempos do patriarcado a submissão imposta à mulher era compreendida no sexismo biológico, em

⁴ SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de Gênero, Sexualidade e Educação. In: **Revista Educação Grandes Temas. Gênero e Sexualidade: mapeando as igualdades e as diferenças entre os sexos e suas relações com a educação**. São Paulo: Editora Segmento, v. 2, mar. 2008.



que o homem possuía poder em relação à mulher. Nesse sentido, há uma cultura enraizada que coloca os homens em um nível de superioridade.⁵

A sociedade patriarcal aliada a cultura da superioridade masculina abre espaço para construção de uma disparidade nas relações de gênero, onde ser homem acaba se tornando uma virtude, sendo um dever-ser. Além do mais, as diferenças biológicas entre homem e mulher são algumas das explicações para a disparidade construída entre os gêneros.⁶ Nesse ínterim, “(...) é a construção social do gênero, e não a diferença biológica do sexo, o ponto de partida para a análise crítica da divisão social de trabalho entre mulheres e homens na sociedade moderna (...)”.⁷

Para a autora Tânia Brabo, “o sexismo da linguagem é reflexo de sociedades profundamente androcêntricas, que colocam as mulheres em subordinação”.⁸ Michelle Perrot explica que “no século XVII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais”, demonstrando a inferioridade das mulheres.⁹

Judith Butler considera que o “gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos; é antes uma identidade tenuemente constituída no tempo”. Ou seja, o gênero é constituído de modo temporal, mesmo que na forma biológica tenha se nascido homem ou mulher. Para a referida autora, se alguém “é” mulher, isso não é tudo que esse alguém é, pois, o termo não é exaustivo, porque “(...) os traços pré-definidos de gênero da ‘pessoa’ transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos (...)”.¹⁰

O entendimento de que as relações de gênero são culturalmente construídas, bem como a desconstrução dessa ideia produziram sensibilidade para buscar o arbitrário da construção de gênero. Portanto, trata-se da construção de um paradigma que reivindica o caráter simbólico das relações de gênero e que “aponta tanto para uma diferenciação

⁵ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

⁶ BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

⁷ BARATTA, Alessandro. **O paradigma do gênero: da questão criminal à questão humana**. In Campos, Carmen Hein de (Org). *Criminologia e Feminismo*. Porto Alegre, Sulina, 1999.

⁸ BRABO, Tânia. **Mulheres, Violência e Gênero**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

⁹ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁰ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



quanto para uma indiferenciação, para um número qualquer de gêneros e para a instabilidade de quaisquer caracterizações”.¹¹

Para Meyer, “as abordagens feministas pós-estruturalistas se afastam daquelas vertentes que tratam o corpo como uma entidade biológica universal (...) para teorizá-lo como um constructo sociocultural e linguístico”.¹² É possível distinguir sexo (biológico) e gênero (social) “descontruindo o modelo androcêntrico de sociedade e de saber e os mecanismos que, a um só tempo, asseguravam e ocultavam a dominação masculina, mantendo a diferença de gênero ignorada”.¹³

A violência de gênero “não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino”, colocando a mulher em uma posição de subordinação com relação ao homem.¹⁴ Para Marcela Lagarde, a violência de gênero é o fato de violentar mulheres pelo fato de serem mulheres, “situadas em relações de desigualdade de gênero: opressão, exclusão, subordinação, discriminação, exploração e marginalização. As mulheres são vítimas de ameaças, agressões, maus-tratos, lesões e danos misóginos”.¹⁵

Diante disso, constata-se que a cultura patriarcal, o machismo, o sexismo e a misoginia estão enraizados na sociedade contemporânea, em que a figura do feminismo surge para desconstruir muitos padrões e reivindicar direitos. Nesse sentido, a subordinação historicamente imposta às mulheres, bem como a violência de gênero propriamente dita, possuem reflexos nas mais diversas searas. Portanto, é possível verificar que ainda há uma grande disparidade nas relações de gênero no contexto social atual. Diante desse cenário, importante analisar de que forma, em uma sociedade denominada infomacional, a

¹¹ MACHADO, Lia Zanotta. **Gênero: um novo paradigma?** In: Cadernos Pagu, n. 11, Campinas: UNICAMP.

¹² MEYER, Dagmar. **Gênero e educação: teoria e política.** In: Guacira Lopes Louro; Jane Felipe Neckel; Silvana Vilodre Goellner. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 5ed. Petrópolis: Vozes, 2010, v. 1, p. 9-27.

¹³ ANDRADE, Vera Pereira de. **Criminologia e Feminismo: Da mulher como vítima à mulher como sujeito de construção da cidadania.** Porto Alegre. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15645/14173>> Acesso em 18 jun. 2019.

¹⁴ SAFFIOTI, Helleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

¹⁵ LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Por los derechos humanos de las mujeres: la Ley General de Acceso de las Mujeres a una vida libre de violencia.** Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales, v. XLIX, n. 200, maio/ago., 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42120009>> Acesso em: 20 jun. 2019.



veiculação midiática contribui para uma sociedade machista e desigual, como será abordado no próximo capítulo.

2. A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE INFORMACIONAL NA FORMA DE PENSAR E FAZER A MÍDIA

A sociedade, ao longo dos anos, é alvo de modificações constantes em razão dos mais diversos fenômenos sociológicos. Atualmente, vivemos em uma sociedade caracterizada por uma nova organização social, caracterizada, principalmente, pela difusão e transcendência de informações, sem qualquer lapso temporal e espacial. Nesse novo paradigma social, vivencia-se um amplo desenvolvimento tecnológico, impulsionado, em particular, pelo advento da *internet*, meio pelo qual, as relações e interações sociais, econômicas e culturais se revigoram e causam efeitos nos mais diversos segmentos.¹⁶

Nesse segmento, vislumbra-se, pois, que a *internet* é a base do novo paradigma social atual e influencia diretamente nos novos fluxos de informações e interações sociais, de forma que, as implicações desse fenômeno interferem diretamente em diversos âmbitos da vida humana. É em razão dessas características que o autor Manuel Castells caracteriza a *internet* como sendo “o tecido das nossas vidas”, uma vez que, o uso dessa ferramenta é capaz de transformar o homem e modificar rigorosamente o seu ambiente.¹⁷

Em virtude dessas características, a sociedade atual é denominada como sociedade em rede, uma vez que, permeia no contexto social atual o modelo flexibilizado baseado nas redes, ou seja, o fluxo de informações e interações sociais ocorrem excessivamente em âmbito virtual. Devido essas particularidades, surge uma nova forma de tempo e espaço, de forma que as informações se difundem rapidamente na sociedade. Nesse contexto, Manuel Castells refere que, nesse aspecto a mídia “cria uma *colagem temporal* em que *não apenas se misturam gêneros, mas seus tempos tornam-se síncronos em um horizonte aberto sem começo, nem fim, nem sequência*”.¹⁸

¹⁶ ¹⁶ CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 11 ed. Traduzido por Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008. v. 1.

¹⁷ CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. Traduzido por Maria Luiz X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

¹⁸ CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 11 ed. Traduzido por Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008. v. 1., p. 553.



Utilizando-se de outra terminologia, porém referindo-se a mesma situação, tem Pierré Lévy. Referido autor utiliza o termo ciberespaço para descrever a internet como sendo, “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”.¹⁹ Portanto, esse espaço criando através das redes, viabilizou uma nova forma mais rápida e eficiente de comunicação entre os indivíduos, que passaram a conviver em uma sociedade caracterizada pelo desenvolvimento da internet à escala planetária, de forma que, vivencia-se um novo espaço público, que confere liberdade de expressão, comunicação e livre acesso às informações através da interconexão da internet.

Para Pierré Lévy, o ciberespaço possibilita o alargamento do espaço público e consequentemente maior liberdade aos indivíduos, de forma que, é notável a existência de novas matrizes à democracia, uma vez que há maior participação dos indivíduos na sociedade. Dessa forma, é inegável que, a interconexão proporciona oportunidades para além das relações físicas, pois é possível interações entre os cibercidadãos para além das fronteiras geográficas, tendo em vista a liberdade de expressão e comunicação conferida aos indivíduos.²⁰

Vislumbra-se, portanto, que o advento da internet e o atual e emergente avanço tecnológico tem causado efeitos nos mais diversos segmentos. Diante dessa conjuntura, tudo aquilo que é exposto e lançado em âmbito virtual possui uma ampla repercussão social. Assim, diante da utilização massiva, a internet possibilitou aos indivíduos o acesso a todo e qualquer tipo de informação, impulsionando o surgimento de uma nova estrutura social, denominada sociedade informacional. Logo, surgem as diferenças entre se falar em sociedade informacional e sociedade da informação. Ao tratar do tema, o autor Manuel Castells aduz que:

O termo sociedade da informação enfatiza o papel da informação na sociedade. Mas afirmo que informação, em seu sentido mais amplo, por exemplo, como comunicação de conhecimentos, foi crucial a todas as sociedades, inclusive à Europa medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo, ou seja, no geral uma infra-estrutura intelectual. Ao contrário, o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da

¹⁹ LEVY, Pierre. A conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência. Tradução de Maria de Mária Lucian Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34.

²⁰ LEVY, Pierre. A conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência. Tradução de Maria de Mária Lucian Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34.



informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico. ²¹

Castells utilizada a terminologia sociedade informacional, como forma de analisar todo o contexto histórico das últimas décadas do século XX. É através do termo empregado, que o autor analisa as mudanças sociais e a forma como estas influenciam e impulsionam uma nova estrutura social, alicerçada principalmente nas relações de produção, de poder e de experiências, sob a ótica das novas tecnologias de informação e comunicação. Assim, importante destacar que, em que pese as redes encontrem-se presente durante toda evolução histórica, com a ascensão informacional, tornou-se possível criar uma estrutura social baseada, especialmente, nas redes, isto é, um sistema dinâmico e aberto às inovações. ²²

É diante dessa conjuntura e do atual cenário social, que a mídia, enquanto um dos mais importantes meios de comunicação e recepção de informações, apresenta um significativo e importante papel nos dias atuais. Nesse contexto, tem-se que, a “sociedade contemporânea são fundamentalmente midiáticas, isto é, suas relações sociais e de poder são intermediadas pelas diversas modalidades da mídia”. ²³Portanto, cada vez mais se potencializa o poder da mídia em difundir informações em tempo real e modificar as relações sociais.

Para Gustavo Cardoso, “o atual sistema de mídia parece encontrar-se organizado não em função de da ideia de convergência, possibilitada pela tecnologia digital, mas pela articulação em rede”.²⁴ Portanto, a criação de uma sociedade informacional e o crescimento da mídia decorrem, principalmente, de uma construção social, diariamente transformado pelo uso das novas tecnologias de informações, assim como, pelas implicações que estas oferecem aos meios de comunicação em massa. Portanto, é possível

²¹ CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. v. I. Oitava Edição. Traduzido por Ronei de Venancio Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

²² CARDOSO, Gustavo. A mídia na Sociedade em Rede: filtros, vitrines, notícias. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

²³ FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e prática dos meios de comunicação. In: Revista Brasileira de Ciência Política. n.6, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003>. Acesso em: 18. jul. 2019.

²⁴ CARDOSO, Gustavo. A mídia na Sociedade em Rede: filtros, vitrines, notícias. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.



afirmar que, hodiernamente a sociedade informacional é um processo de evolução social baseado na flexibilização das redes.

Portanto, diante dessa sociedade altamente informacional e das importantes evoluções ocorridas na última década, houve gradualmente o desenvolvimento e transformação nos institutos de comunicação, e nessa conjuntura, a internet configura-se como sendo um mecanismo de significativa importância, se sobrepondo as mídias tradicionais. Nesse viés, importante analisar o tratamento conferido pela mídia a copa do mundo masculina do ano de 2018 e a copa feminina de 2019, bem como de que forma é possível verificar um tratamento dicotômico e machista dessa importante ferramenta, como se verá no capítulo a seguir.

3. O TRATAMENTO DICOTÔMICO ENTRE A COPA DO MUNDO MASCULINO DE 2018 E A COPA DO MUNDO FEMININA DE 2019 NA MÍDIA BRASILEIRA

Atualmente, verifica-se uma significativa importância dos meios de comunicação em massa. Diante desse cenário, os meios de comunicação devem ser analisados cautelosamente, pois além de ser um fenômeno de massa, sobretudo, é um processo capaz de influenciar comportamentos e instituir valores sociais. Portanto, o discurso midiático caracteriza-se como uma das principais declarações, uma vez que, possui o poder de causar as mais amplas compreensões sociais a respeito de questões do cotidiano.²⁵

Tem-se, assim, que as relações entre os esportes e os meios de comunicação estão cada vez mais presentes no contexto social, bem como, torna-se uma realidade indubitável. Para Pires, a mídia é capaz de transformar a visão dos telespectadores, e em especial, no futebol, as informações e imagens que a mídia oferece “têm a capacidade de

²⁵ KANESIRO, Marina Hanita. Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física. Orientador: Osmar Moreira de Sousa Júnior. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 2009. Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119511/kanesiro_mh_tcc_rcla.pdf?sequence=1 > Acesso em: 20. Jun. 2019.



nos transportar para dentro do estádio, com recursos técnicos que superam e até mesmo modificam a nossa capacidade de percepção da realidade”.²⁶

No entanto, vislumbra-se que, a mídia atual despende tratamento diferenciado para a copa do mundo masculina de 2018 e a copa do mundo feminina de 2019, sendo que, as conquistas das mulheres na competição, por vezes, acabam não ganhando tanta visibilidade e veiculação na mídia quanto às conquistas da seleção masculina. Para Maíra Kubik, “a mídia tende a reproduzir estereótipos e, por isso, nela, a mulher ocupa apenas seus papéis mais tradicionais”. Ainda, afirma que, especificamente no futebol, a mulher é vista muito mais como “musa” do que como “atleta”, sendo que, alguns canais midiáticos acabam contribuindo para essa visão social.²⁷

Tem-se que a Copa do Mundo masculina de 2018 paralisou um país inteiro. Diversas pessoas foram liberadas de seus trabalhos, escolas e faculdades para acompanhar a seleção em tempo real. Durante todo período de Copa do Mundo, o único assunto que estampava os sites de notícia era sobre a Copa, sobre os jogos e os jogadores. Porém, enquanto ocorre a Copa do Mundo feminina de 2019, diversas pessoas sequer acompanham. De igual modo, a mídia, com seu influente papel, não visibiliza as conquistas da seleção feminina.

28

Figura 1:

Brasil vence Jamaica por 3x0 na estreia da Copa

Cristiane marcou os três gols da Seleção Brasileira na estreia no Mundial da França, neste domingo (9)

FONTE: EL PAÍS, 2019. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/09/deportes/1560083325_012482.html> Acesso em: 20. Jun. 2019.

²⁶ PIRES, G. L. O esporte e os meios de comunicação de massa: relações de parceria e tensão. Possibilidade de superação? In: GRUNENVALDT, J. T. e outros (Orgs.). Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. São Cristóvão: DEF/UFS, 2007.

²⁷ CARTA MAIOR, 2019. Por que as conquistas históricas do futebol feminino não saem na mídia? Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Por-que-as-conquistas-historicas-do-futebol-feminino-nao-saem-na-midia-/12/33711>> Acesso em: 20. Jun. 2019.

²⁸ PLENO NEWS, 2019. Copa do Mundo: Governo decreta folga em dias de jogo. Disponível em: <<https://pleno.news/brasil/7-dias-para-a-copa-governo-decreta-folga-em-dias-de-jogo.htm>>. Acesso em 20. jun. 2019.



Figura 2:

Seleção Brasileira masculina 'atropela' Honduras por 7 a 0

Partida mais parecia um jogo-treino, apesar de Tite ter encarado como jogo oficial. Amistoso foi o último antes da estreia na Copa América

FONTE: AMAZONAS1, 2019. Disponível em: <<https://amazonas1.com.br/esportes/selecao-brasileira-masculina-atropela-honduras-por-7-a-0/>> Acesso em: 20. Jun. 2019.

Através das imagens acima, é possível demonstrar como ocorre o tratamento desigual de ambas as competições na mídia brasileira. Na primeira imagem, o canal midiático apenas menciona a vitória da seleção feminina na estreia da competição, enquanto na segunda, é claramente exaltada a vitória da seleção masculina. O descaso da mídia brasileira é evidente, e diante de uma sociedade estruturalmente machista não é inesperado o tratamento conferido a copa do mundo feminina de 2019.

Assim, vislumbra-se que, diferentemente da copa do mundo masculina, não há diariamente uma transmissão da copa feminina em horário nobre, bem como, existem poucas manchetes divulgando os placares e datas dos jogos femininos. Da mesma forma, a idolatria conferida aos jogadores artilheiros masculinos da competição não é o mesmo conferido as jogadoras femininas. Diante desse contexto, percebe-se que, o descaso midiático reflexe uma cultura social machista e desigual, que acredita que o futebol não é um esporte feminino.²⁹

Ademais, além do desigual tratamento midiático conferido as competições, a diferença da premiação oferecida para os atletas é significativa e demonstra a desigualdade entre o futebol feminino e masculino. Na copa do mundo masculina, ocorrida na Rússia em 2018, os campeões recebiam US\$ 38 milhões, a serem pagos pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) à título de premiação. A copa feminina, que ocorre na França, no ano de 2019,

²⁹ Martins, L., & Moraes, L. (2014). O FUTEBOL FEMININO E SUA INSERÇÃO NA MÍDIA: A DIFERENÇA QUE FAZ UMA MEDALHA DE PRATA. *Pensar a Prática*, v. 10. N. 1. p. 69-82. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/rpp.v10i1.33360>> Acesso em: 20. Jun. 2019.



terá o valor de US\$ 4 milhões a serem pagos como premiação a equipe vencedora. Ou seja, ainda paira uma inquestionável desigualdade de gênero entre as duas competições.³⁰

O patriarcado é o pano de fundo para se explicar a situação de desigualdade que subordina e inferioriza as mulheres, alimentando sentimentos de posse sobre o corpo feminino, com um menosprezo da condição feminina.³¹ Há uma relação intimamente ligada entre o futebol e a masculinização da mulher e uma naturalização de representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, beleza e feminilidade. Em decorrência disso, é reforçada a ideia de privação da participação das mulheres em esportes como o futebol e lutas.³²

A produção de estereótipos sexistas aliada a história de exclusão da mulher, corrobora a crença social de que o futebol é “um esporte que exige resistência viril e músculos fortes, que sem dúvida, demonstram um estereótipo atribuído ao jogador de futebol”.³³ Para Ludmilla Mourão “não houve, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confrontos, lutas por espaço, e sim um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação (...)”. Para a referida autora, não houve, no esporte, um movimento feminino pela equalização de gênero, pois no ramo do esporte, os homens, em sua maioria absoluta, comandam as federações, confederações, clubes, dentre outros.³⁴

Corroborado a isso, a situação das mulheres é marcada por espaços de ideologias e discriminações que as colocam no papel de “sexo frágil”, confinando-as à esfera doméstica, impedindo o seu exercício de expressão.³⁵ Além disso, os estereótipos

³⁰ REVISTA MARIE CLARIE, 2019. **As 10 maiores disparidades entre a Copa do Mundo Feminina e a Masculina**. Disponível em: < <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/06/10-maiores-disparidades-entre-copa-do-mundo-feminina-e-masculina.html> > Acesso em: 20. Jun. 2019.

³¹ MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA. **Diretrizes nacionais do feminicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres**. Brasília: ONU Mulher, 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf> Acesso em: 19 jun. 2019.

³² GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 1 jun. 2005.

³³ FURLAN, Cássia; LESSA, Patrícia. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, v. 30, p. 28-43, 2008.

³⁴ MOURÃO, Ludmilla. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização**. Movimento. Porto Alegre, n. 13, p. 05-18, 2000/2.

³⁵ TOJAL, Marcyette Caldas. **Corpo de mulher e poder: relações de gênero**. Lato & Sensu, Belém, v.4, n.1, p.1-8, out 2003.



biológicos colocam os atletas do sexo masculino com maiores possibilidades de sucesso, reforçando preconceitos e dificultando a jornada das mulheres pelo mundo dos esportes.³⁶ O esporte é mais um exemplo em que a masculinidade se comprova, valorizando os homens e desvalorizando as mulheres.³⁷ Portanto, mesmo diante das significantes conquistas do futebol feminino, ainda é possível verificar a hegemônia masculina no futebol e o tratamento midiático desigual conferido ao futebol masculino e feminino na Copa do Mundo, sendo o Brasil, de fato, o país do futebol, mas do futebol masculino.

CONCLUSÃO

Diante do abordado nas linhas acima, resta demonstrado o quanto a cultura patriarcal é enraizada na sociedade contemporânea, pois foram necessários anos e anos de luta para que o cenário feminino se alterasse. Porém, constatou-se que, em que pese os avanços da luta feminista, ainda há muito machismo e misoginia presente nos dias atuais, refletindo nas mais diversas esferas.

Ademais, verifica-se que, atualmente vivemos em uma sociedade denominada como informacional, sendo caracterizada, principalmente, pelo avanço tecnológico e pelo advento da internet. Em razão disso, tudo aquilo que é lançado através da mídia, é capaz de alcançar proporções além do limite espacial e temporal. Isso se dá em razão do amplo desenvolvimento dos meios de comunicação e informação.

Diante disso, constatou-se que a postura midiática é machista e que não prima pela igualdade de gênero, pois há um tratamento extremamente dicotômico entre a Copa do Mundo masculina do ano de 2018 e a Copa do Mundo feminina de 2018. Ademais, vislumbra-se que, as vitórias da seleção feminina não têm a mesma visibilidade e veiculação na mídia quanto às conquistas da seleção masculina em 2018. O que se verifica, no entanto, é que a mídia acaba por reproduzir estereótipos enraizados na sociedade contemporânea, em que a mulher ocupa papéis mais tradicionais.

Além disso, por vezes, não há uma transmissão da Copa do Mundo feminina em horário nobre, bem como, existem poucas manchetes divulgando os placares e datas dos

³⁶ SIMÕES, Renata Duarte. **Gênero na Educação Física: a emergência de um conceito.** In: XIII CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003, Caxambu - MG. Anais do XIII CONBRACE, 2003.

³⁷ LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Revista Motrivivência.** Florianópolis: UFSC, ano XVII, n.24, p.157-172, jun 2005.



jogos femininos. Corroborado a isso, as jogadoras da seleção feminina não são idolatradas como os jogadores da seleção masculina. Ademais, a diferença de premiação entre as duas Copas do Mundo é gritante, demonstrando cristalinamente o quanto a desigualdade de gênero ainda está presente na sociedade contemporânea, com traços da cultura patriarcal e do machismo.

Além disso, a mulher ainda é vista como o “sexo frágil”, sendo constantemente inferiorizada, sendo o futebol apenas mais um exemplo onde a masculinidade é enaltecida e as mulheres são desvalorizadas. Portanto, é possível verificar a hegemonia masculina no futebol e o tratamento midiático desigual conferido ao futebol masculino e feminino na Copa do Mundo. O Brasil de fato é o país do futebol, mas do futebol dos homens, em que não há espaço para as mulheres, da mesma maneira em que nos ocorre mais diversos setores. Assim, faz-se necessário romper-se o vínculo com a cultura patriarcal e o machismo, para que as mulheres parem de serem inferiorizadas e os homens enaltecidos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vera Pereira de. **Criminologia e Feminismo: Da mulher como vítima à mulher como sujeito de construção da cidadania**. Porto Alegre. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15645/14173>> Acesso em 18 jun. 2019.

BARATTA, Alessandro. **O paradigma do gênero: da questão criminal à questão humana**. In Campos, Carmen Hein de (Org). *Criminologia e Feminismo*. Porto Alegre, Sulina, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRABO, Tânia. **Mulheres, Violência e Gênero**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARTA MAIOR, 2019. Por que as conquistas históricas do futebol feminino não saem na mídia? Disponível em: < <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Por-que-as-conquistas-historicas-do-futebol-feminino-nao-saem-na-midia-/12/33711>> Acesso em: 20. Jun. 2019.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na Sociedade em Rede: filtros, vitrines, notícias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.



CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. v. I. Oitava Edição. Traduzido por Ronei de Venancio Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 11 ed. Traduzido por Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008. v. 1.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. Traduzido por Maria Luíz X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação**. In: Revista Brasileira de Ciência Política. n.6, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003>. Acesso em: 18. jul. 2019.

FURLAN, Cássia; LESSA, Patrícia. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, v. 30, p. 28-43, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 1 jun. 2005.

KANESIRO, Marina Hanita. Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física. Orientador: Osmar Moreira de Sousa Júnior. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119511/kanesiro_mh_tcc_rcla.pdf?sequence=1> Acesso em: 20. Jun. 2019.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Por los derechos humanos de las mujeres: la Ley General de Acceso de las Mujeres a una vida libre de violencia**. Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales, v. XLIX, n. 200, maio/ago., 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42120009>> Acesso em: 20 jun. 2019.

LESSA, Patrícia. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. *Revista Motrivivência*. Florianópolis: UFSC, ano XVII, n.24, p.157-172, jun 2005.

LEVY, Pierre. A conexão planetária. O mercado, o ciberespaço, a consciência. Tradução de Maria de Mária Lucian Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34.

MACHADO, Lia Zanotta. **Gênero: um novo paradigma?** In: Cadernos Pagu, n. 11, Campinas: UNICAMP.

Martins, Leonardo Tavares. **O FUTEBOL FEMININO E SUA INSERÇÃO NA MÍDIA: A DIFERENÇA QUE FAZ UMA MEDALHA DE PRATA**. *Pensar a Prática*, v. 10. N. 1. p. 69-82, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/33360>> Acesso em: 20. Jun. 2019.

MEYER, Dagmar. **Gênero e educação: teoria e política**. In: Guacira Lopes Louro; Jane Felipe Neckel; Silvana Vilodre Goellner. (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2010, v. 1, p. 9-27.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA. **Diretrizes nacionais do feminicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres**. Brasília: ONU Mulher, 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf> Acesso em: 19 jun. 2019.



MOURÃO, Ludmilla. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização.** Movimento. Porto Alegre, n. 13, p. 05-18, 2000/2.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PIRES, Giovani de Lorenzi. O esporte e os meios de comunicação de massa: relações de parceria e tensão. Possibilidade de superação? In: GRUNENVALDT, J. T. e outros (Orgs.). Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. São Cristóvão: DEF/UFS, 2007.

REVISTA MARIE CLARIE, 2019. **As 10 maiores disparidades entre a Copa do Mundo Feminina e a Masculina.** Disponível em: < <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/06/10-maiores-disparidades-entre-copa-do-mundo-feminina-e-masculina.html> > Acesso em: 20. Jun. 2019.

SAFFIOTI, Helleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SABOYA, Maria Clara Lopes. Relações de Gênero, Sexualidade e Educação. In: **Revista Educação Grandes Temas. Gênero e Sexualidade:** mapeando as igualdades e as diferenças entre os sexos e suas relações com a educação. São Paulo: Editora Segmento, v. 2, mar. 2008.

SIMÕES, Renata Duarte. **Gênero na Educação Física:** a emergência de um conceito. In: XIII CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003, Caxambu - MG. Anais do XIII CONBRACE, 2003.

TOJAL, Marcyette Caldas. **Corpo de mulher e poder:** relações de gênero. Lato & Sensu, Belém, v.4, n.1, p.1-8, out 2003.